



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**JORGE LUIZ DE SOUZA
(depoimento)**

2009

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-152

Entrevistado: Jorge Luiz de Souza

Nascimento: 10/07/1952

Local da entrevista: LAPEX – ESEF - UFRGS

Entrevistadores: Andréia Valejo e Denise Oliveira

Data da entrevista: 28/10/2009

Transcrição: Andréia Valejo e Eliza Pierim

Conferência Fidelidade: Denise Oliveira / Eliza Pierim / Grasiela Alves de Castro

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Eliza Pierim

Total de gravação: 65 minutos

Páginas Digitadas: 27

Observações: Entrevista realizada como atividade da disciplina “História da Educação Física” oferecida no segundo semestre de 2009 para o curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

SOUZA, Jorge Luiz de. *Jorge de Souza (depoimento, 2009)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Envolvimento com os saltos ornamentais e a ginástica olímpica como atleta; ginástica corretiva; educação postural; Escola Postural no Brasil e na Alemanha; ensino da Educação Física; Educação Física, Fisioterapia e postura; as relações da Educação Postural com o esporte e com o ensino básico; interação da disciplina de Educação Postural com outras disciplinas na ESEF.

Porto Alegre, 28 de outubro de 2009. Entrevista com o professor Jorge de Souza “Pelé”, a cargo das entrevistadoras Andréia Valejo e Denise Oliveira para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

D.O. – Para começar, professor Jorge de Souza, de onde veio teu apelido Pelé¹?

J.S. – Bom, eu já aguardava essa pergunta, porque o nome, minhas características e semelhanças com o Pelé do futebol são praticamente *zero*. Mas, eu fui atleta, fiz Saltos Ornamentais e Ginástica Olímpica. Praticamente, iniciei em 1964-65 com Saltos Ornamentais no União². E eu sempre fui magro, com braço comprido, perna comprida, e por acaso, na época que eu fazia saltos ornamentais, existia um treinador de saltos ornamentais do Clube Tietê de São Paulo³, que era a cara do Pelé, o Edison Arantes do Nascimento. Era negro, a cara do Pelé, mas fisicamente, ele era eu escrito. Então, quando se olhava ele em cima de um trampolim fazendo salto, e lembravam de mim e vice-versa. E aí as pessoas aqui, que conheciam o Pelé, este treinador, me vendo no trampolim, diziam: “Mas é o Pelé. É o Pelé” e começaram a me chamar de Pelé. E vocês conhecem a brincadeira de telefone sem fio? As pessoas que estão do lado de fora, que não conhecem a história, ouvindo e vendo eles me chamarem de Pelé, ficaram pensando: “Por que é que chamam esse magrão, branco, que não tem nada a ver com o Pelé, deste nome?”. Mas eu era campeão. Eu fui campeão de Saltos Ornamentais. E, posteriormente, comecei com a Ginástica Olímpica e também fui campeão na categoria juvenil e, nos Saltos Ornamentais, no adulto. Então, as pessoas começaram a fazer ligações com o apelido Pelé e as minhas vitórias como campeão, pois “Pelé” é nome de rei e, sem querer, fiquei com apelido de rei. Aí é que surgiu, na realidade. Não tem, absolutamente, nada a ver com futebol, mas sim, vem de outra pessoa que era semelhante a ele e essa pessoa tinha as minhas características.

¹ Pelé (Edison Arantes do Nascimento): Rei do Futebol: atleta brasileiro de grande reconhecimento nacional e internacional, considerado por muitos o maior jogador da história do Futebol. Em 1981 recebeu pela primeira vez o título de Atleta do Século.

² Grêmio Náutico União (GNU): um dos maiores e mais antigos clubes esportivos de Porto Alegre, em pleno funcionamento desde 1906, quando foi fundado por imigrantes alemães e se chamava *Ruder Verein Freundschaft*.

³ Clube de Regatas Tietê de São Paulo (SP), fundado em 1907, teve ampla participação nos campeonatos brasileiros em várias modalidades esportivas. Atualmente, tem sua atividade restrita a eventos sociais e alguns esportes amadores.

D.O. – Tu já falaste um pouco sobre essa tua vivência como atleta das modalidades. Como é que foi o teu interesse em cursar Educação Física e esse trabalho que tu desenvolves com Educação Postural? Como é que surgiu isso? Tem ligação com a tua prática, com a tua vivência como atleta?

J.S. – Parece estranho, no início, quando eu era atleta. O sonho de todos os pais e geralmente os filhos era, na realidade, que eles fossem médicos [riso] ou engenheiros, qualquer coisa do tipo naquela época. Era exatamente o ambiente em que eu convivia no Grêmio Náutico União, com pessoas de classe média e alta. Geralmente, as aspirações dos alunos e das crianças que estavam lá, eram seguir esse esquema. Embora eu venha de família humilde e não tem nada a ver uma coisa com a outra, mas eu tinha... Na realidade, eu adorava matemática, eu queria ser um matemático e sempre fui muito bom nessa matéria, muito bom em conta e também em idiomas. A facilidade para aprender inglês e francês era uma loucura. Mas eu berrei que eu queria fazer Matemática e Arquitetura. Eu queria criar algo diferente. Fui para o vestibular e, evidentemente, que não me preparei adequadamente e, no primeiro ano, tomei *pau*. Só que foi assim, eu fiz... E lá no fundo da história, por ser atleta, eu tinha na parte esportiva algo que me agradava. Fiz vestibular no primeiro ano em que eles realizaram o vestibular Unificado, no qual entrariam na Universidade⁴ os três mil primeiros classificados. Não eram os três mil, dois mil setecentos e poucos classificados entrariam na Universidade. Os primeiros, no geral. Os demais teriam que aguardar vaga e, dentro desses dois mil e setecentos, tu podias colocar várias opções. Primeiro lugar, eu queria Matemática, segundo, Arquitetura, terceiro eu botei Educação Física, e fui colocando opções e então, de acordo com a tua classificação, os dois mil e setecentos na *primeira* pincelada seriam chamados para o ciclo básico e, a partir do ciclo básico, as pessoas iam para as suas faculdades. Provavelmente, iam sobrar vagas de acordo com as opções. Eu não fiquei entre os dois mil e setecentos. Eu fiquei em três mil e pouco. Aliás, eu fui até muito bem classificado, mas não entrei para a minha primeira opção. Nesse meio tempo, apareceu o vestibular pela primeira vez no IPA⁵, da Escola de Educação Física. Estavam chamando para a segunda turma. E eu, como atleta, estava despontando e despontei também como treinador porque, na realidade, eu sempre gostei de ensinar. Isso já é uma coisa nata minha. Meu treinador dava aula e, nos intervalos ou nas

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

férias, ele me colocava de treinador das crianças que estavam iniciando, das famosas escolinhas. E eu comecei a desenvolver ali aquela vontade que tinha de ensinar nas escolinhas de saltos ornamentais. Como, no inverno não tinha como treinar aqui, não tinha piscina térmica, eu ia para a ginástica olímpica. E lá também me botaram de professor das escolinhas. Inclusive, dei aula para as meninas, para crianças e foi a coisa mais incrível do mundo. Tinha a professora de balé, que me ensinava passos para eu ensinar para as meninas. Foi uma descoberta muito interessante: a capacidade que eu tinha de não só ser atleta, mas de passar aquilo. E brincar com os alunos! Eu adorava brincar, até hoje adoro. E, aí então, eu senti aquilo e apareceu a oportunidade. Naquele tempo que eu não fui classificado no primeiro grupo da Educação Física, eu tinha colocado como terceira opção. O IPA abriu inscrições e eu fiz vestibular no IPA para Educação Física. Tirei segundo lugar no vestibular. Aí eu vi como eu estava. Na realidade, não estava tão mal preparado, mas é que o sistema naquele momento não era para mim. Se, por exemplo, fosse direto para Educação Física, eu teria passado na UFRGS⁶ direto. Mas, como eu estava com Matemática e Arquitetura que eram muito mais procuradas... Naquela época, Matemática era procurada. Hoje ela é muito fácil. Então, eu acabei *entrando* no IPA e *logo me encontrei* no IPA, não tenha dúvida. Porque, a época da Educação Física quando eu fiz, foi em 1972, na realidade. Não era a Educação Física de hoje, com os doutores, os mestres e a pesquisa. Era muito parecido com a escola. Ainda se praticava esporte, se *competia*. A UFRGS competia contra o IPA. Era a grande rivalidade. Foi sensacional. Tem vários professores aqui da Escola⁷ que são da mesma época: o Molina⁸, o Adroaldo⁹ e tinha os jogos em que nos encontrávamos para competir. Foram muito interessantes esses jogos. Eu *me encontrei* no IPA. No meio do ano eu, aluno no IPA, onde me receberam de portas abertas por eu ser atleta e ser campeão na realidade... Eu estava com *toda a bola* no IPA. Aí a UFRGS me chama no meio do ano para Educação Física, em função de ser uma das minhas opções. Eu tinha a opção: ou venho para a UFRGS ou continuo no IPA. Sabe quando tu és bem quisto num lugar, que tu te sentes bem, que tu estás em casa? Eu disse: “Ah, eu não vou trocar”. Eu consegui, inclusive, bolsa de estudo lá para não pagar. Então, eu disse: “Ah, eu não vou trocar. Eu estou muito bem aqui”. E aí se foi. Chamaram outros,

⁵ IPA = Instituto Porto Alegre – rede de ensino metodista, composta por colégio e Faculdades. Possui uma tradicional faculdade de Educação Física em Porto Alegre.

⁶ UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷ Escola de Educação Física (EsEF) da UFRGS

⁸ Prof. Dr. Vicente Molina Neto – Escola de Educação Física (EsEF) da UFRGS .

o Hélio Carravetta¹⁰ que foi meu colega aqui e já se aposentou. Ele estava junto comigo no IPA e também foi chamado. Ele veio para cá e eu fiquei. Então, nós nos separamos, éramos colegas e nos separamos. Formamos-nos juntos, ele aqui e eu lá. Eu me encontrei realmente na Educação Física e basta ver que eu me encontrei porque eu não tinha terminado... Na época que eu fiz Educação Física não existiam muitos professores formados. Eu estava no quarto semestre, numa realidade em que se fazia em três anos, seis semestres. Eu já estava no final do quarto semestre e fui requisitado pelo próprio IPA para dar aula na Faculdade. Então, junto com o professor Carioca¹¹, que foi nosso Diretor aqui na UFRGS, já comecei dando disciplina de voleibol e, de repente, junto ao professor Arno Black¹² que dava ginástica lá, eu passei à disciplina de ginástica.

D.O. – Isso aqui na UFRGS?

J.S. – *Não, lá.* Lá no IPA, como professor. Muito interessante. Aí eu comecei a dar aula e a me encontrar. Eu me formei e já estava trabalhando no IPA. Eu terminei a faculdade, comecei a trabalhar no IPA e resolvi fazer Especialização. Já que eu não tinha vindo à UFRGS para fazer a Graduação, eu me matriculei numa Pós-Graduação aqui. Fiz a pós-graduação em Treinamento Desportivo na UFRGS. Desenvolvi aquela parte e começou a pulsar a parte científica, porque os professores exigiam e tinha que fazer a monografia e, na realidade, foi meu impulso para a parte científica. E no IPA, paralelamente, o professor que dava Ginástica Corretiva, estava saindo, era o professor Black. E ele disse que eu podia trabalhar com essa disciplina. Aí eu comecei. Eu me juntei a um grupo: uma fisioterapeuta que é uruguaia, Susana¹³, que foi casada com um artista plástico, o Vasco Prado, mais uma colega, que é massoterapeuta, mas também é professora de Educação Física¹⁴ e mais outra uruguaia¹⁵. Fizemos um grupo de estudo para estudar postura. Foi ali o meu primeiro impulso sobre Escola de Postura. Porque, na realidade, não existia isso aqui. A Susana tinha muita experiência em Escola de Postura, e nós começamos a ver que a postura era algo muito interessante. Aí eu me entusiasmei com aquilo e disse: “Ah, eu

⁹ Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araujo Gaya – EsEF/UFRGS.

¹⁰ Hélio Carravetta: professor de educação física e preparador físico de clubes de futebol.

¹¹ Paulo Gilberto de Oliveira

¹² Arno Black: professor/pesquisador da Escola Postural, autor de livros sobre o assunto. Foi professor no IPA e na UFRGS.

¹³ Nome sujeito à confirmação.

¹⁴ Ingrid Farina, referindo-se a professora de Educação Física.

vou assumir a disciplina de Ginástica Corretiva”, que nada mais é que a de Educação Postural, só com nome diferente.

D.O. – Em que ano isso?

J.S. – Isso, foi na realidade, foi em 1974... Eu terminei a Escola, acho que em 1975. Já comecei dar Ginástica Geral, já comecei lá no IPA a dar Ginástica Corretiva. Até, praticamente, 1985. E, fiz concurso na UFRGS em 1983. Precisavam de professores auxiliares aqui e eu fiz. Não um concurso direto. Primeiro fui contratado para dar Ginástica Geral. Então, eu sou o homem da ginástica [riso]. Trabalhei com ginástica de todas as classes possíveis. Comecei aqui com Ginástica Geral e no IPA eu dava Ginástica Corretiva. E, de repente, surgiu o concurso de verdade aqui e fiz o concurso. Sendo concursado, eu me demiti daqui como contratado e entrei como concursado para trabalhar no Departamento de Ginástica. Continuei com as Ginásticas Gerais. Com a Ginástica Olímpica, porque eu era da Ginástica Olímpica antes do João Oliva¹⁶. Eu trabalhei com Ginástica Olímpica e ele que me substituiu. E aqui eu não dava Ginástica Corretiva, só no IPA. Quem é que trabalhava aqui? O Arno Black. Ele tinha deixado lá do IPA para mim e veio para cá. O Arno Black resolveu se aposentar e para quem *sobrou*? Para mim. Aí eu entrei direto. Já tinha experiência de trabalhar no IPA e comecei a trabalhar com Ginástica Corretiva aqui. Só que aqui, o nome não era Ginástica Corretiva, era Ginástica Extra-Escolar. Ou seja, eu dava aula de Ginástica, depois falava em ginástica de academia, ginástica para gestantes, ginástica corretiva. Por isso que era extra-escolar. Então, era uma abordagem muito louca, muito maluca, muita coisa e pouco tempo para tudo isso. E, claro, eu fui aqui me estabelecendo. Apareceu curso de Mestrado e fui fazer e, de repente, eu senti a necessidade de dar muito mais reforço à questão da Corretiva que era aquilo que estava me chamando atenção. Aí eu fiquei direto, mudei o nome da disciplina para Educação Postural e dou ênfase à educação postural até hoje.

D.O. – E isso que tu mudaste o nome e assumiste a disciplina, foi quando?

¹⁵ Nome sujeito à confirmação

¹⁶ João Carlos Oliva: atual professor de Ginástica Olímpica da EsEF/UFRGS

J. S. – O nome para Educação Postural? Olha, acho que já faz mais de dez anos. Acho que já foi na década de 90. Quer dizer, em 1985 eu entrei aqui, em 1990 ela foi passando, ficou Extra-Escolar uns três ou quatro anos. Houve uma mudança de currículo e, nessa mudança de currículo, que veio o nome de Educação Postural.

D.O. – Além de toda tua vivência no esporte, como professor, dando aula de todas essas disciplinas, fizeste a Especialização, o Mestrado. Como foi a tua formação dentro da Educação Postural? Teu Doutorado fora...

J.S. – Bom, na realidade, os dois esportes que eu fiz, e a postura, estão diretamente ligados. Primeiro, nos saltos ornamentais, que eu era especialista em plataforma de 10 metros. Por ser alto, com 1,80m e na época como atleta já era quase 1,80m - aliás, uma característica física que hoje eles não escolheriam - naquela época o esporte era muito mais, na minha concepção, sadio. As pessoas iam fazer porque gostavam. Hoje eles escolhem por biótipo e se tem as características. Então, eu por ter um corpo... Eu era longilíneo, era e continuo sendo até hoje, alto, e para saltar, nos saltos ornamentais, a impressão que dá no ar e a entrada na água são fundamentais. Às vezes, o cara não tem uma técnica fenomenal, mas se ele evolui, faz o que tem que ser feito e *agulha*, como eles diziam, entra na água sem levantar água nenhuma, é o que vale. E, se ele tem técnica maravilhosa, mas estraga o salto na entrada, ele não é tão valorizado, porque o que vale é o que se enxerga. Então, pelas minhas características longilíneas e não tinha muita massa para aparecer no ar, uma pessoa assim quando ela é... Nos saltos ornamentais o biótipo ideal tem que ser quadradinho, ele não pode ter bumbum grande, não pode ter a cabeça para frente, ou seja, a postura tem que ser algo muito uniforme para aparecer. Então, como eu não tinha, por ser muito alto, tinha que primar realmente pela melhor execução possível e botar tudo nos seus devidos lugares. E onde é que eu adquiri isso? Fazendo Ginástica Olímpica. Porque eu saia dos Saltos e ia para a Ginástica Olímpica. Então, na Ginástica Olímpica, apontar, fazer a ponta de pé que nem bailarino faz, os joelhos estendidos, isso é uma característica muito forte. E, como eu vinha de um esporte que exigia isso e outro que desenvolvia - um exigia e o outro desenvolvia -, parece que eu fiz um casamento da postura. Quando eu saltava, conseguia ficar, fazer uma figura bonita no ar, exatamente pela formação. E, quando eu fazia Ginástica, naturalmente fazia a postura bonita porque precisava nos Saltos Ornamentais. Por isso que eu me destaquei nos dois. E não fui além porque eu não tinha... Como já disse,

minha família era humilde, eu não tinha condições de sustentar além. Então, tive que trabalhar. Daí parei, porque senão eu ia adiante. E mais um detalhe: lembra que falei que dava aula para crianças na Ginástica Olímpica, inclusive para as meninas? E uma professora de balé, a Maria Amélia¹⁷, trabalhava com as coreografias dos alunos, ela me orientava como é que eu tinha que fazer, porque as meninas tinham que fazer uns passos e ela me ensinava e aquilo era *postura pura*, o balé clássico. Eu tinha que aprender com ela e ensinar para as meninas. Era interessantíssimo. Nós nos divertíamos e ríamos juntos. Ela dizia assim: “Tu faz direitinho, vai lá”. Eu fazia e ensinava a criançada depois. E isso é aula de postura. Na realidade, o meu esporte e a postura, tinham muito a ver. Eu só não pensei que isso ia me levar a ser professor de postura, mais tarde. Mas, em princípio, parece que foi. A oportunidade foi substituir um professor, mas o gosto pela coisa, acho que veio da minha própria experiência, não tenha dúvida nenhuma. E aquela necessidade de ter, por exemplo, uma figura apresentável para poder se sair bem no esporte. Tanto que sou decacampeão estadual de Saltos Ornamentais de plataforma. Nunca, ninguém, derrubou. Eu desisti e ninguém me derrubou. Inclusive, depois que eu tinha terminado, fiz uma última competição e ganhei de novo. Trampolim eu perdia, porque os menores me ganhavam. Agora, na plataforma, eram 10 metros e, esses quase dois metros aqui, tinha mais oito [risos]. Então, eles não conseguiam me derrubar e eu tinha realmente muito controle por causa da Ginástica Olímpica. Tinha força, o corpo era preparado para fazer isso. Mas, se eu tivesse condições de ter continuado, porque o Grêmio Náutico União fechou os Saltos Ornamentais, não era interesse deles. A minha possibilidade era ir para o Rio de Janeiro treinar. A minha colega, a Laura¹⁸, era campeã brasileira e foi. E outro, o Enrico¹⁹, que estava sempre comigo - eu ganhava plataforma e ele trampolim - também foi. E eu, tive que trabalhar. Parei ali. Talvez, se eu tivesse ido, tivesse sido campeão brasileiro adulto, chegava a terceiro já no Brasil.

D.O. – Isso foi em que ano?

J.S. – Já era quase na época em que entrei na faculdade, 1970, 1971 mais ou menos. No final da década de 1960. E, claro, eu arbitrava. Fazia isso, mas numa competição, por

¹⁷ Maria Amélia Barbosa: Professora de Balé. Foi professora no IPA e na UFRGS (Depto de Arte Dramática).

¹⁸ Laura Hecker

¹⁹ Enrico Martellini

exemplo, a última competição no Rio de Janeiro em que eu fiquei em terceiro lugar - havia sempre congressos técnicos no período da competição - os técnicos discutiam sobre o que tinha sido apresentado e fui eleito. Fiquei em terceiro, mas fui eleito o atleta mais técnico da competição. Se fosse por técnica, teria sido o campeão. É como eu te disse, pelas minhas características físicas, precisava ser muito técnico para fazer o que os pequeninhos e quadradinhos faziam e apareciam. Então eu mostrava na técnica. Naquela época, se filmava com aquele Super 8²⁰. Eu acho que tenho em casa ainda o filme. Eles me mostraram o filme. Então, foi interessante, que os saltos... Eu usava a técnica completa, senão não conseguia executar as voltas que precisava, e o meu treinador era *muito bom* nisso. Ele exigia de nós a altura. Tinha que ter altura. Os outros iam para trás, giravam e conseguiam. Se eu fosse para trás, não conseguia fazer. Era obrigado a fazer na trajetória devido à grande altura que eu tinha. É interessante isso. Tinha muito a ver com a postura. E eu vi o filme e disse: “Realmente está muito bem feito”. Aí já tinham vários técnicos. Depois, mais tarde, eu fui técnico também, até resolver fazer o Mestrado e o Doutorado. Aí sim, *deu pra bola*.

D.O. – Então, o teu Mestrado já foi com esse enfoque mais da Postural?

J.S. – Não, o Mestrado foi uma coisa estranha. Na época não existia Mestrado de Educação Física nem em Porto Alegre, e acho que talvez a USP²¹ já tivesse Mestrado, mas era praticamente nada. Então, qual era o nosso caminho aqui? Faculdade de Educação²². Como vários na minha época, os professores da minha faixa aqui, todos foram para a Educação ou saíram do país. E eu me candidatei a um Mestrado na Faculdade de Educação. Nessa época, na Faculdade de Educação, nós estávamos na época da pergunta: “O que é Educação Física?”. Tem um livro do Inezil²³ e como era o nome do outro? [silêncio] O Oliveira²⁴ - agora não lembro o nome. Às vezes, faltam esses nomes - em que tratava, fazia uma crítica da prática da Educação Física. E, na Faculdade de Educação, existia muito essa crítica do que é Educação Física e que tipo de ensino estávamos propondo às crianças:

²⁰ Super 8 ou Super 8 mm é um formato cinematográfico desenvolvido nos anos 1960 e lançado no mercado em 1965 pela Kodak.

²¹ USP: Universidade de São Paulo

²² Faculdade de Educação – FACED - UFRGS

²³ Inezil Penna Marinho: importante autoridade da Educação Física brasileira, trabalhou na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro – RJ, na década de 1950, publicou livros e pesquisas em Educação Física.

“Estamos fazendo essas crianças pensarem? Está dando oportunidade de fazer o que eles gostam ou não? Ou estamos, simplesmente, reproduzindo aquilo que achamos que é Educação Física?”. Porque a Educação Física veio, tem na origem dela, no Brasil, acredito que no mundo inteiro, muito dos métodos desenvolvidos no exército. Então, a calistenia²⁵, os métodos Francês, Austríaco, Alemão, depois o método Sueco²⁶. Todos eles eram baseados em rotinas, usados pelos militares até hoje. E isso exigia muito aquela disciplina da formação, da ordem unida. Assim era a Educação Física. O professor de Educação Física era aquele disciplinador e ele, realmente, trabalhava assim e nem sempre os alunos queriam aquilo e nem sempre o professor perguntava o que eles queriam fazer, para trazer uma Educação Física participativa, da vontade do aluno, e não pela obrigatoriedade. Então, na Faculdade de Educação, começamos a discutir essa questão, e a minha tese foi analisar a prática da Educação Física da quinta à oitava série: o que pensam, o que dizem, e o que querem os alunos, e os professores. Eu fazia um contraste do que o aluno queria da Educação Física e que o professor dava para ele, o que o professor perguntava ou não perguntava para ele. Muito interessante. Se eu, hoje, conseguisse pegar os autores da época e transformasse a data para hoje, a realidade está muito parecida. Ainda existe esse confronto. Hoje já existem muitas ideias nesse sentido. Há pessoas querendo trabalhar, mas a prática em geral, se tu olhares, parece que não fugiu muito. Então, não tinha muito a ver, aliás, não tinha absolutamente nada a ver com postura, mas tinha a ver com a questão da prática da Educação Física. Mas... Como é que eu cheguei à postura? Quer dizer, pela disciplina que eu dava aqui. Na realidade, aquilo tomou conta de mim. Interessei-me por isso e aqui na Faculdade, trabalhando não só na disciplina, um médico chegou uma vez para mim e disse assim: “Tu trabalhas com essa questão da postura e eu trabalho com pessoas com osteoporose. Eu gostaria uma vez de ver um trabalho, pois esse pessoal tem uma postura muito ruim. Gostaria de fazer uma comparação dos clientes que vêm aqui e que fazem só acupuntura e aqueles que eu encaminho para uma atividade bem orientada que trabalha a postura corporal. Para ver se há uma diferença em quem faz somente o meu consultório e quem faz consultório e esse trabalho aqui. Se tem diferença”. Então, me incentivou a fazer um trabalho desses, e eu criei meu primeiro grupo de estudo. Inclusive, a

²⁴ Vitor Marinho de Oliveira

²⁵ Método com exercícios conduzidos sob a forma de contagem, direcionados às diferentes partes do corpo (localizados).

²⁶ Métodos ginásticos de origem européia que chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX e foram utilizados nas escolas brasileiras principalmente nas primeiras décadas do século XX.

professora Flávia Martinez que hoje entrou na Fisioterapia aqui, foi desse primeiro grupo de estudo. E desenvolvemos na sala de musculação, que não é a atual e sim onde é o Restaurante Universitário hoje, um grupo. Não era chamada Escola Postural, mas, era atividades, - nem lembro mais como é que denominamos -, exercícios físicos para melhorar a postura. Eu não tenho exatamente o nome. Teria que buscar aí nos rabiscos porque isso já faz muito tempo. E, neste programa, trabalhávamos com a postura deles, dando exercícios de força, de flexibilidade e equilíbrio. Aquelas qualidades que nós achávamos necessário. E interessante a nossa convivência em grupo. Discutíamos como grupo de estudo. Nós percebemos que aquelas pessoas que estavam trabalhando ali necessitavam de informação, porque elas pareciam que estavam fazendo aquilo mas, estavam repetindo algo, e nós, sem ter conhecimento nenhum de que existia Escola Postural já nos Estados Unidos. Muito pouco, mas muito mais na Europa, porque lá ela origina-se na Suécia. A primeira escola é de 1969, período que eu era atleta ainda. Não tinha entrado na Escola de Educação Física. E lá eles desenvolviam essa parte teórica, mas nós não tínhamos ideia disso. Então, nós começamos a fazer na realidade uma Escola Postural, criar uma Escola Postural, sem saber que já existia isso. Nós começamos a dar orientações teóricas para eles e fazer prática. Na realidade, foi a primeira Escola Postural nossa aqui, em Porto Alegre. Foi aqui na ESEF. Só que não era chamada de Escola Postural. E quando é que eu saí? Eu fui para a Europa. Isso me incentivou e o professor Arno Black me colocou na questão da postura e estava querendo fazer o Doutorado, precisava fazer o Doutorado. Ele conseguiu vaga na Universidade de Heidelberg²⁷, onde eu fiz Doutorado depois. Ele conseguiu ir para lá por convite do meu orientador e, para ir, ele precisava estar vinculado a algum projeto aqui. Ele veio a mim e disse: “Olha, eu posso te vincular ao Projeto de Postura e levar isso para lá?”, “Sim”. E ele foi. Saí daqui em 1991. Então, ele foi em 1990 para Heidelberg, e levou a proposta que estávamos fazendo aqui. E para surpresa dele, quando chegou lá, me mandou uma carta: “Pelé, tu não podes imaginar. Tudo que nós estamos trabalhando aí, e desenvolvendo, existe aqui e super bem coordenado”. Aí nós pensamos: “Poxa, nós descobrimos uma coisa sem saber que existia”. Pois, como eu te disse, naquela época não existia pesquisa, não tinha essa facilidade de

²⁷ Instituto para o Esporte e Ciências do Esporte da Universidade de Heidelberg em Baden-Württemberg na Alemanha, é uma das mais antigas do mundo. Fundada em 1386, a *Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg*, tem renome internacional nos campos da medicina, matemática e jurisprudência.

Internet. Não existia Internet nessa época. Não é aquela facilidade louca de tu saberes o que o cara está fazendo aqui e tu já sabes ali. Estava começando aqueles computadores com DOS, aquela coisa muito louca ainda. Muito difícil de trabalhar. E aí ele trabalhou, conheceu meu orientador e voltou para cá: “Tu precisas ir para lá. Ele me convidou para fazer o Doutorado, mas eu *não posso*”. Ele disse assim: “Mas se tu quiseres, ele te dá uma Carta de Aceite agora”, e eu disse “*Eu quero*” [riso]. O cara mandou a Carta de Aceite para mim, e eu levei a minha experiência aqui da Escola Postural, que não tinha esse nome, como uma primeira experiência. Na realidade, eu fui para lá em 1991. Então, começamos aqui acho que 1989, se não me engano. Começamos com as experiências. Eu levei essa experiência para lá e eles já tinham o computador mais a frente. As bibliotecas da Universidade de Heidelberg estavam ligadas às bibliotecas do mundo e eu tinha condições de pegar artigos dos Estados Unidos, da França, da própria Europa e, como não tenho problema de leitura em nenhum desses idiomas, fiz uma tese lendo em vários artigos. Tinha hora em que eu lia e não sabia se estava lendo em português ou em outra língua. Eu lia simplesmente. Tinha que fazer isso. E buscando os subsídios da Escola Postural Tradicional. Como era a Escola Postural. Na realidade, o meu interesse foi por trabalhar com a disciplina e eu ter trabalhado e iniciado aqui e ter tido a chance de fazer um Doutorado nessa área. Bom, aí sim pegou fogo.

D.O. – E quais as diferenças que tu apontarias entre o trabalho que vocês desenvolviam aqui e que tu levaste para lá, e o trabalho que já existia lá nessa Escola Postural?

J.S. – Na realidade, a única diferença é que eles já tinham tudo esquematizado e nós estávamos em montagem. Dávamos as aulas, sentíamos que tinha que iniciar, que as pessoas, para trabalhar a postura, precisavam conhecer o seu corpo. E isso é parte... O que não era muito o desenvolvimento do corpo. O trabalho da Tradicional que existia lá era muito de ensinar o que era certo e errado, que a Escola Tradicional trabalha, e, aqui, estávamos muito preocupados em fazer eles se conhecerem um pouco. Como eles tinham, eu segui mais ou menos o protocolo só que, um detalhe que era da minha característica: lembra que eu falei muito que brincando nós aprendemos muito, e eu sempre fui uma pessoa que gosta de rir. Eu rio bastante. E eu brinco muito nas aulas com as crianças. Brinco com qualquer um. E, lá senti necessidade de colocar, porque o trabalho deles era muito sisudo, muito técnico e eu senti necessidade da brincadeira, do lúdico. Eles tinham o

lúdico, os jogos, mas era uma coisa sem graça [risos]. Era aquela coisa com tudo determinado. Eu disse “*Não, esse pessoal está precisando rir um pouco, está precisando um pouco sair dessa tensão*”, e aí eu estimulei o lúdico e comecei a inclusão na minha escola de um “slogan” que, até hoje não usamos mais aqui, mas ainda usamos lá. Aqui seria: “Puxe o fio de prumo e sorria” – e lá era: “Faden ziehen und lächeln”, que é a mesma coisa. Então, as pessoas, lá na Universidade de Heidelberg quando passavam por mim [o entrevistado demonstra o movimento] que o fio de prumo segurávamos a mão no topo da cabeça e puxava aqui [o entrevistado puxa uma mecha de cabelo do alto da cabeça]. Então, eu dizia assim: “Faden ziehen und lächeln”, ou seja, puxe o fio de prumo e sorria. Porque o que é o sorriso na realidade? O sorriso é tu liberares, deixar aquelas tensões saírem. Porque eu digo assim: “Ninguém está com uma postura, está se sentindo bem em uma postura, e está triste”. Geralmente, quando a pessoa está triste, ela deixa a gravidade tomar conta [o entrevistado abaixa os ombros demonstrando o que diz], ela fica cabisbaixa. Então, eu procurei subsídios na própria psicologia, na qual dissesse o que o sorriso tinha a ver com o bem estar. E coloquei isso como treinamento e na minha tese. Só que eu tive que defender isso na tese. Então, na minha tese tinha psicólogo na banca, e eu tive que provar a importância do sorriso na questão do bem estar e da postura. E convenci eles na prova. Uns dez anos depois que eu tinha defendido a minha tese, não sei se vocês viram em Londres, eles têm a Terapia do Riso. Pois é, há dez anos antes, eu já usava o riso como trabalho profilático, como trabalho para ajudar. Na realidade, aqui é natural porque as pessoas que tem problemas, quando riem esquecem os problemas. E você sabe que se o *psique* tomou conta, *deu para bola*. Então, na realidade, isso aí foi introduzido. Na Escola Postural que eu desenvolvi, porque, na minha tese de Doutorado, eu desenvolvi uma Escola de Postura que nós chamamos uma Escola de Postura Brasileira: “*Brasilianisdie Rückenschule*” que é Escola Postural Brasileira e, o que diferenciava das outras, era exatamente a questão do lúdico, a questão de usar a psique, usar o sorriso e estimular as pessoas a rirem. Eu sempre estimulava na aula: “Olha o fio de prumo e sorria” e isso eu testei com eles e foi muito interessante. Eu tenho respostas da minha tese de Doutorado que foram fundamentais na minha apresentação para eles acreditarem que aquilo era interessante. *E eu trouxe isso para cá.*

D.O. – Então, podes contar um pouco da tua experiência quando trouxeste a Escola Postural para cá?

J.S. – Antes de trazer para cá, eu disse assim: “Olha, o que eu testei lá é que...”. Engraçado que nos meus instrumentos de avaliação na tese tinha entrevista com participantes. Então, era voluntário, com quem gostaria de participar. E interessante que, quando eu fiz o pré-teste, tinha uma senhora que não quis participar de jeito nenhum das avaliações e ela disse que essa história de rir não tinha nada a ver. Então, ela não acreditava e não quis fazer. Disse que não se deixava fotografar, etc. e tal. Tudo bem! Mas ela participou da Escola e eu sentia que ela era muito sisuda, que não queria fazer. E, aos poucos, parece que ela foi se soltando naquilo. Parece que não estava aparecendo nada, mas, eu achei assim: “Para ela, não está servindo nada”. Quando terminou, eu disse: “Gostaria de ter dez voluntários para entrevista”, porque eu tinha quarenta e cinco pessoas, e não ia fazer entrevista com quarenta. E ela chegou [palavra inaudível]: “Professor, eu não participei das avaliações iniciais, mas eu gostaria de participar dessa entrevista”. Eu pensei: “Bom, agora ela vai acabar com a Escola Postural” [risos] e foi a que mais me chamou a atenção porque, dos outros todos, os resultados foram muito bons, foram muito positivos. Mas aí ela veio para a entrevista e começou a falar assim: “Olha, no início da Escola, aquela história de ter que puxar fio de prumo e sorrir, aquilo me pareceu uma coisa que não fazia muito sentido para mim, porque eu acho que as coisas têm que ser diferentes e tal. Mas sabe que eu fui, de tanto que a persistência daquele puxa e sorria, participando da Escola e fui tentando fazer aquilo. O senhor sabe...” - eles tratavam a gente de senhor - “O senhor sabe que ontem eu trabalhei quase três horas no jardim e não senti absolutamente *nada*. Não apareciam as dores que me incomodavam muito, não aparecia nada. E eu comecei a olhar. Tu sabes que eu não acreditava nessa coisa, mas tu sabes que *funciona mesmo*”. Ela disse assim para mim. *Aí caiu meu queixo* [emoção]. “E eu quero lhe parabenizar porque eu achava que não valia a pena. E olha, vale a pena. Eu vou incentivar várias pessoas a fazer isso”. Caiu meu queixo, e eu gravei. E, na hora da minha defesa de tese, apresentei isso. Aí derrubei eles todos, aqueles que são céticos. E o alemão, quando é cético, é terrível. E ele disse assim: “Realmente, o senhor tem razão.” Inclusive, na minha defesa de tese, o médico ortopedista que estava... A minha banca tinha um sociólogo, um psicólogo, um médico ortopedista e um pedagogo. O meu orientador era da pedagogia. Olha só a miscelânea, porque lá eles têm a prova rigorosa. Tu não podes defender só a tua tese. Tu tens que mostrar que tu tens subsídios para discutir cientificamente em diferentes níveis. Então, vem o sociólogo e te pergunta, o psicólogo te pergunta. E o ortopedista não estava querendo acreditar nessa história do puxa o fio de prumo e sorria. O pedagogo e o psicólogo engoliram, o sociólogo

estava legal mas, o médico, não queria engolir isso. Aí, eu pedi licença para ele: “O senhor por acaso, se submete a uma pequena experiência aqui em grupo? Eu gostaria que todos participassem”. Ele disse assim com aquela voz de “não, eu não quero”: “Sim, então, vamos participar”. Aí eu fiz o meu jogo de usar a coluna, a pelve, a coluna vertebral e o sorriso. E fiz um exercício que faço com todos os alunos na aula, de todo mundo sentar sobre os ísquios, na ponta da cadeira. Eu fiz eles se afastarem da mesa, sentarem na ponta da cadeira. Tu conheces, tu fizeste aquela de colocar a pelve em anteversão, retroversão, sentar sobre o cóccix, vai para frente. E comecei a fazer aquele jogo: “Procurem perceber isso na sua coluna. Quando vocês estão mexendo, o que está acontecendo com a coluna? E procurem perceber se a cabeça também não sobe quando vocês colocam a pelve para frente?”. Eles começaram a fazer e o cara crescia. E eu dizia: “E esse crescimento? Procura perceber, quando vocês estão no crescimento, que sensação traz para vocês e, quando vocês trazem para trás, que sensação dá? Qual delas traz uma sensação de maior bem estar? Vocês se sentem melhor quando se curvam para baixo ou quando vão para cima?”. Aí ele começou a perceber que ele [palavra inaudível]. “E vejam, se vocês estão sentindo bem quando estão em cima. Podem deixar que o semblante de vocês fique à vontade, podem esboçar um sorriso”. E, de repente, estavam todos rindo com a questão e ele chegou assim: “O senhor me convenceu.” [risos]. E o meu orientador, evidentemente, ficou felicíssimo porque eu defendi o que eu propunha. Eu defendi realmente o “Puxe o fio de prumo e sorria” e consegui convencer pessoas que não estavam... Tanto que ele estava muito cético, e o conceito que ele tinha me dado subiu. Eu ganhei um excelente conceito. Então, na realidade, isso eu trouxe para cá. Só que aqui é “Puxe o fio de prumo e sorria”. Aquilo que eu apliquei lá numa clínica. Inclusive, eu fui numa clínica na Baviera²⁸ e lá as pessoas passavam no corredor, quando me viam, puxavam o fio de prumo e começavam a sorrir. Alemão não costuma fazer isso. Um dia a dona da clínica, a chefe - era mulher do chefe - chegou e me chamou no gabinete: ““Her” Souza, o que o senhor está fazendo nessa clínica que as pessoas andam sorrindo pelos corredores?” Eu expliquei para ela, etc. e tal. Ela disse: “Eu vou participar dessa Escola.” Então, na realidade, consegui *passar* esse entusiasmo e isso tudo eu anotei. Não tenha dúvida que eu trouxe isso para cá, porque o brasileiro é muito mais livre nesse aspecto. Então, eu trouxe isso para cá como “Puxe o fio de prumo e sorria”. Uns tempos atrás, se tu passasses aqui, era todo mundo “Olha, puxe o fio e sorria”. Os professores todos conhecem o esquema. Hoje, não usamos mais essa

²⁸ Região da Alemanha

questão, porque a Escola Postural tomou um rumo um pouco diferente. A partir do momento em que eu comecei a orientar o Mestrado, fomos para a questão de alteração dos conteúdos da Escola Postural. Por exemplo, nós começamos a tirar essa questão do certo e errado de lado. Começamos a dar mais atenção às pessoas. Porque eu não usei mais o fio de prumo? “Puxar o fio e sorrir”? Porque o *puxar*, na realidade, usamos, mas não esse termo. O puxar, às vezes, leva como uma ordem. Então, tem pessoas que, às vezes, puxam como ordem e se tencionam muito, e nós descobrimos que o excesso de tensão também leva a outra questão. Com o alemão funcionava talvez muito bem porque ele não tinha essa característica, mas o brasileiro já é um pouco mais descontraído. Então, aqui em vez de usarmos o fio de prumo, continuamos dando orientação de empurra lá para o topo da cabeça, mas, sorrir, jamais esqueci. E sorria porque faz bem para a saúde. Só talvez o “slogan” hoje não seja utilizado, mas ele é *extremamente útil* nessa questão da postura e foi desenvolvido mesmo aqui dentro da ESEF.

D.O. – Mas, atualmente, a Escola Postural aqui está ocorrendo?

J.S. – Não, eu parei com a Escola Postural no semestre passado em função de já cumprir com meu tempo de serviço e tenho outros planos. Eu quero me aposentar. Então, parei e fui diminuindo as coisas. Estou atendendo a Graduação atualmente. Porque, aos poucos, vou parando. Mas continuo com os grupos de pesquisa. Isso eu gosto e pretendo continuar *mesmo* depois de aposentado. E a Adriane²⁹, que foi minha primeira orientanda nesse Mestrado e que faz parte de uma reformulação da Escola Postural da UFRGS, vai começar provavelmente no semestre que vem. Ela está oferecendo Escola agora no hospital e a [palavra inaudível] que ela volte para cá já dentro dos termos que ela terminou. E, os meus bolsistas daqui, estão começando a trabalhar *fora* com isso. Ontem mesmo eu indiquei dois para trabalhar fora.

D.O. – Tu falaste da Adriane, que é da Fisioterapia. Qual é o significado agora de um curso de Fisioterapia aqui na ESEF? Tu achas que isso pode contribuir de alguma forma nesse trabalho da Escola Postural?

²⁹ Adriane Vieira

J.S. – Eu sempre torci, quando falaram de Fisioterapia, que eles já tivessem começado há muito tempo. Não agora, que eu quero sair. Inclusive, eu falei com as fisioterapeutas que são todas minhas ex-alunas: “Ah, agora que nós entramos, tu vais sair?”. Na realidade, tudo bem. Elas vão dar continuidade e eu sempre tinha a ideia de que, um curso de Fisioterapia aqui, ia somar, porque a Fisioterapia e a Educação Física têm muito a ver com a postura. Só que tem partes que são enfoques iguais e tem partes que fogem de um... Cada um faz uma coisa. Por exemplo, a parte de Cinesioterapia, Terapia através do movimento faz parte dos dois. Agora, a Eletroterapia é coisa de fisioterapeuta e o Condicionamento Físico é coisa de professor de Educação Física. Mas tem muita coisa que se *soma* e o professor de Educação Física tem algo que o fisioterapeuta não tem na sua formação: exatamente a parte lúdica, a parte recreativa, a parte de jogada e que faz as pessoas se sentirem mais a vontade. Fisioterapeuta trabalha muito com doente. Professor de Educação Física trabalha muito com sadio e, a junção disso dentro de uma escola de Educação Física, é muito importante. O fisioterapeuta vai ter uma *visão* diferente e o professor de Educação Física *pode* ter uma visão também da parte mais específica do... Não que ele vá tratar o problema, mas como prevenir melhor as lesões. A minha disciplina trabalha nesses dois naipes: ela atende o professor e o fisioterapeuta, porque falo para os dois. Apresento a patologia e o professor de Educação Física entende a patologia para saber o que ele pode e não pode fazer, e, o fisioterapeuta, já tem outras informações. Na realidade, ele vai pegar a parte mais solta, a parte mais da Educação Física, a parte mais ligada ao movimento em si, para usar lá, para não tratar as pessoas sempre como doentes, porque doente já é doente. Se tu tratares como doente, ele fica pior ainda. Tu tens que brincar com ele, que usar a brincadeira. Por isso que o sorriso é importante. Não tratar ele como doente, mas sim como aluno. Tu vens aqui e vai te sentir como um grupo e eles dizem isso: “Eu gosto de vir aqui, porque aqui eu não sou tratado como paciente. Sou tratado como um aluno que veio fazer ginástica normal aos outros. Embora eu tenha todos os meus problemas, aqui eu esqueço deles”. E é exatamente isso que o fisioterapeuta precisa saber. Por isso que eu acho essa junção *fenomenal*.

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

D.O. – Pelé, tu falaste justamente dessa questão do fisioterapeuta que trabalha mais com doentes. E, pensando a Educação Postural em relação ao esporte, ao atleta, qual é a relação da Educação Postural com o esporte? Existe esse enfoque, essa abordagem hoje em dia?

J.S. – De uma forma geral, o professor que trabalha com esporte, está muito mais preocupado com a questão do resultado do esporte do que a questão da postura. E, pelo que eu conheço, pela minha experiência dentro como professor de Educação Física, as Escolas de Educação Física, de uma forma geral, não preparam a questão da postura. Na UFRGS, a ESEF é uma das poucas que trabalha. E é uma das poucas que trabalha já numa visão muito mais ampla de postura. Os que trabalham, ainda estão ensinados muito a questão daquela postura, aquilo que iniciamos há muitos anos atrás, de corrigir a postura, se está certa ou errada. Muitos, quando trabalham, trabalham nesse sentido. *Poucos* estão trabalhando com a noção de estudar mais a postura, olhar para a pessoa e conversar com ela para ver o que é que incomoda e tentar fazer os seus ajustes, no sentido do bem estar em si, e não só de enquadrá-la dentro de um modelo. A grande maioria do pessoal que trabalha com a área esportiva, não pensa nesse aspecto porque não conhece e está preocupado muito mais pela questão resultado. E até porque eles o mandam para o fisioterapeuta, o fisioterapeuta parece que está trabalhando com isso. Mas eu acho que o professor de Educação Física pode ser *muito* importante na formação, porque, no esporte com o atleta em si, é muito difícil. Ele vai trabalhar o esporte em si, mas, nas aulas de Educação Física, na escola, nas academias e estúdios, seja lá onde for a aula de ginástica, aí ele teria um papel importante porque é o agente que faz a prevenção. Então, ele pode assumir, pode e deve assumir atitudes até em *massa* para preservar. E mais um detalhe: para saber até onde ele pode ir. Tem pessoas que precisam de um atendimento especial, ou eles precisam de um atendimento mais individualizado e de determinados cuidados. Ele precisa conhecer realmente isso. Agora, infelizmente, eu acho que a realidade não é essa. Poucos conhecem, poucos são os que estão trabalhando com isso. Os alunos que trabalham comigo e que geralmente foram meus bolsistas, e foram além da disciplina, geralmente procuram ver esse aspecto. Tanto que ontem ligou uma ex-aluna minha que trabalha com Pilates³⁰ e tem academia, me pedindo alunos que trabalhem com Pilates, mas que tenham a

³⁰ Pilates: Joseph Pilates era alemão, sofria de raquitismo, asma e febre reumática na infância. Para melhorar sua qualidade de vida, estudou como autodidata anatomia, fisiologia humana e medicina oriental e criou aparelhos rústicos e um método para a prática de exercícios físicos. Superando as

noção da postura porque ela quer desenvolver, pois ela trabalha assim. Eu acho que é extremamente importante, mas não é dada a importância ainda nas Escolas de Educação Física sobre essa disciplina.

D.O. – Eu te pergunto, porque a questão da Postural está, muitas vezes, relacionada até com a performance, não é? Como tu mesmo falaste... Na ginástica olímpica e saltos ornamentais...

J.S. – Sem dúvida nenhuma.

D.O. – Por isso não seria o caso de estar mais presente na prática esportiva?

J.S. - Por exemplo, nos esportes como ginástica rítmica, ela entra automaticamente em função de que a formação básica é o balé clássico, e o balé clássico é a escola da postura. E, embora o balé tenha um estereótipo de deixar bem vertical, realmente, a pessoa quando faz, acaba desenvolvendo a postura. O balé, a dança e a ginástica rítmica estão muito ligados. Agora os esportes coletivos...

[FINAL DA FITA 152 – A]

J.S. – Incluindo essas atividades como a dança, por exemplo, no preparo físico dos atletas, até como um aspecto de liberar um pouco as tensões, mas também pelo aspecto de se entender um pouco melhor o corpo. Porque, uma pessoa que se conhece corporalmente, acredito que tenha muito mais, desenvolve muito mais as técnicas esportivas do que a que não se conhece. Não tenha dúvida. É só observar que os grandes atletas, os campeões mundiais, geralmente não são bons só naquilo que fazem. Eles são bons em vários esportes. Parece que eles têm um conhecimento de corpo muito maior, um domínio muito maior.

expectativas, Pilates foi atleta de ginástica e mergulhador. Seu método é hoje amplamente conhecido e praticado no mundo.

D.O. – Me lembro agora justamente dos atletas do atletismo, do Bolt³¹. Tem toda essa preocupação de soltar mais o movimento...

J.S. – Como estudei na Alemanha, tive a oportunidade de conhecer as características da Steff Graff³² que foi campeã de tênis - não sei se vocês conhecem - e *como* foi campeã. E ela era uma *poliatleta*. Não era só tenista. Fazia vários esportes e tinha o corpo forte, flexível e uma postura exemplar. Era incrível, porque ela fazia vários esportes. O Bolt, esse é uma aula de descontração, inclusive, ele *mexe* com os conceitos daquelas pessoas que pensam: “Poxa, ele tem que treinar, treinar”. E ele é a aula de descontração e a aula da força. O cara é incrível. Quando corria, ele mostrava a força, mas, se você mostra em câmera lenta, por exemplo, um atleta campeão, você vê que ele, ao correr, o que não está usando na corrida, está solto, está soltinho. E o cara que não é campeão, tu olhas e ele está preso, porque ele não consegue usar o corpo. Isso tem muito a ver com a questão de usar o corpo e ter *controle* sobre ele, e o controle sobre o corpo é a postura toda, está toda presente. Então, essa parte de descontração, por exemplo, é importante. Se o professor de Educação Física e o fisioterapeuta conseguirem usar, aprender a usar esses subsídios, e passar isso para o treinador, sem dúvida nenhuma que o progresso é muito maior. E vemos isso nos campeões, e parece que na formação nem sempre isso acontece. E são exatamente os campeões que têm essas características. Então, porque não usar essas características para os dois? Interessante isso.

D.O. – E pensando na escola, no Ensino Básico, como tu achas que o professor de Educação Física poderia trabalhar essa questão da Educação Postural?

J.S. – Para mim é o local ideal para isso, mas, para o professor trabalhar na escola, em primeiro lugar: as Escolas de Educação Física tem que trabalhar mais essa questão. A UFRGS trabalha, mas na realidade é uma disciplina, e eu não consigo enxergar aqui dentro da própria Escola, por exemplo, os outros professores querendo usar isso. *Alguns* usam. Na Dança, com certeza porque é a escola da postura. Mas, no esporte coletivo, não vejo

³¹ Usain Bolt: atleta jamaicano, considerado por muitos como o maior velocista de todos os tempos. Atual campeão olímpico e mundial, além de ser o detentor dos recordes mundiais nos 100 e 200 metros rasos, bem como no revezamento 4 x 100 metros.

absolutamente nada disso. Aliás, eu não vejo nem o próprio professor da Universidade que trabalha isso, com conhecimento nessa área. Na realidade eu acho que as escolas deveriam ter no seu próprio currículo. Os professores deveriam se *encontrar* mais, *conversar* mais e ver exatamente essa possibilidade. Como ele pode usar os conhecimentos que aprende na Educação Postural, na própria modalidade, para que, quando formado, tente trabalhar isso na escola. Eu digo assim, se o professor... Vamos supor, vamos até tirar esse coletivo fora se eles não querem, mas se, na própria disciplina de Ginástica, todas elas, na Geral, Básica, Olímpica, Rítmica e Educação Postural, houver realmente certa cumplicidade entre o professor e os alunos, tornar isso uma prática quase obrigatória, pelo menos incentivar os alunos a fazerem isso, e o professor tiver esse conhecimento e acreditar nisso, com certeza, nas aulas de Educação Física ele *vai* introduzir a Ginástica e vai desenvolver. Porque as qualidades físicas básicas dos alunos, por exemplo, correr, saltar, caminhar, rastejar, engatinhar, se deparar, tudo isso, que faz parte da escola, dos métodos... Já no próprio método Austríaco desenvolviam-se as habilidades naturais. Se o professor estimular isso com a criança e brigar por um espaço de Educação Física onde o aluno possa se equilibrar, pular, brincar. Acho que ali muitas coisas de postura vão ser trabalhadas, porque aquele é o momento em que a criança desenvolve as suas qualidades físicas, suas habilidades, desenvolve o seu equilíbrio e, conseqüentemente, tem chance de conhecer o seu corpo. E eu vou mais adiante: muitas escolas, às vezes, nos dias de chuva, não tem condições. Então, que o professor se associe também de alguma forma dentro da escola, que convença os professores da área de biologia a desenvolver a questão, trabalhar a questão do corpo humano, e ele o professor (de Educação Física) desenvolva junto. Um professor dá aula teórica, fala sobre o corpo humano, e o outro professor associa isso na sua prática. Ele tem que gostar, tem que conhecer, tem que estudar isso para ele conseguir que o aluno comece a se conhecer. Porque, quantos alunos desenham na escola o corpo humano? O que ele entende pelo corpo? Às vezes, na aula de desenho, eles botam a cabeça. Bom, já é alguma coisa: cabeça, membros. Agora, mais um pouco, em trabalhar que existe uma coluna. Qual é a escola que tem uma coluna vertebral como essa [mostra um esqueleto]. Aliás, dentro da própria Escola de Educação Física, tem um esqueleto só. Quantas escolas têm um esqueleto para mostrar para os alunos? Quando eu ando aqui pela Escola com o esqueleto, com as partes do corpo e que eu vejo as mães chegando para fazer Ginástica Olímpica, as

³² Stefanie Maria Graf é considerada a maior tenista alemã de todos os tempos. Campeã mundial, tornou-se profissional do tênis aos 13 anos, ao longo de sua carreira ganhou importantes

crianças olham e elas ficam encantadas e eu paro e deixo-as olharem. Porque elas têm encanto com aquilo. Elas não têm medo. Elas têm encanto e querem ver. Então, porque na escola não é desenvolvido isso? Ali seria um começo do interesse pelo corpo. [silêncio] Sou capaz de me aposentar e fazer isso [risos]. Voltar às origens. Ir lá e desenvolver isso ou pelo menos estimular as pessoas a fazerem. Porque, *eu* como atleta, tive isso, desenvolvi isso. E eu tinha curiosidade pela questão de olhar essas coisas, esqueleto, etc. Eu não tenho medo de esqueleto, muito pelo contrário, pois aquilo que eles apresentam é uma coisa morta e de plástico. Eu acho aquilo muito sensacional. Tive a oportunidade de, pelas minhas viagens pelo mundo, assistir essa Exposição³³ que teve aqui em Porto Alegre do corpo humano. Eu já tinha visto três vezes fora e agora estava aqui, mas, a última que eu vi, foi na Alemanha e era com gestos esportivos, eram atletas em posições que foram plastinizadas. E interessante que vejo aquilo sempre como uma arte, o que os caras conseguem fazer e que passam para os outros. Mas eu vi nessas exposições, por exemplo, várias contestações, principalmente da Igreja, em relação de que está mostrando gente. Se tu olhares pelo lado de que está vendo gente morta, que está sendo exposta, é uma coisa. Agora, se tu olhares pelo lado da contribuição que aquilo está dando para uma boa plastinidade e que foram doações, tu tens ali um grande conhecimento de corpo. As pessoas ficavam encantadas em estarem vendo aquilo, inclusive, as doenças que eles mostravam ali, que chamava atenção: “Se eu continuar fumando, o meu pulmão vai ficar deste jeito”. E de estar vendo a coisa ali plastinizada. Isso, na verdade, eu enxergo como uma aula. As pessoas que vão lá tem uma verdadeira aula de corpo humano. Eu acho muito importante. Então, isso tem que ser desenvolvido. Se aquilo ali é uma coisa importante, por que na escola não trabalham isso também? Por que os professores não entram numa questão dessas? Por que essa discussão não surge na escola? É que, na realidade, o que tu não conheces, tu não desenvolves. O que tu não gostas, tu não fazes. As pessoas precisam conhecer mais para gostar. Por que nos locais onde eu trabalhei tinha esse enfoque? Porque eu gosto disso. Porque fiz ginástica, fiz saltos ornamentais, gostava da postura, eu trabalhava. Por que na escola onde eu trabalhava com adolescentes, por que lá no estágio eu dava ginástica para eles como formação? Porque eu *gosto* disso. Porque eles (os

campeonatos que a colocaram no topo do tênis mundial.

³³ Exposição “Corpo Humano Real e Fascinante”, idealizada pelo anatomista americano Roy Glover, professor aposentado da Universidade de Michigan. Realizada em Porto Alegre de 7 de março a 10 de maio de 2009.

professores) dizem assim: “Os alunos só querem jogar futebol”. Os meus também só queriam jogar futebol. Mas aí tu tens que negociar com eles, e como é que tu vais negociar? Quando tu vês a necessidade de fazer isso. Então, tu precisas. O professor que tem dificuldade, primeiro é porque ele não gosta disso. Ele não incorporou isso. Se ele incorporar, vai achar uma brecha. Existe brecha, mas tu tens que gostar. Acho que o que tem de ser feito é, na própria escola, incentivar mais os alunos a dar mais importância a essas coisas. Dar Educação Física na escola, e não só soltar a bola. Que é o que realmente se faz. Estou dizendo isso porque eu, não só fui professor e trabalhei na escola, como fiz a pesquisa do mestrado. E, vi no mestrado, que eles não fazem nada disso e na escola também não. Eu vi que eles não fazem nada disso através de pesquisa. É porque não conhecem.

D.O. - Tu falaste um pouco da questão da Educação Postural, que hoje só tem essa disciplina. Inclusive, ela é optativa. E, ao mesmo tempo, sabemos da importância de todo esse conhecimento para, justamente o profissional que sai daqui, poder fazer isso nas diferentes áreas de atuação. Como que tu achas que seria uma forma de ampliar essa formação aqui dentro do curso da Educação Física?

J.S. - A questão do obrigatório e do opcional é uma coisa. Eu, por exemplo, sou a favor de tudo opcional. Mas aí, para as pessoas procurarem, tu tens que incentivar. O maior incentivo é a propaganda dos próprios alunos. Os alunos vêm na disciplina porque eles perguntam para os outros como ela é. Então, eu acho, pela minha percepção, que eles *gostam* da disciplina. Então, as pessoas vêm porque *gostam*. Tem os que se matriculam e nunca aparecem, porque são aqueles que querem só estar matriculados, para não perder a chance de se matricular. Mas esses nem aparecem. Mas os que vêm, realmente, a meu ver, gostam. Semestre passado eu ofereci uma disciplina extra e eram 20 vagas, só para quem já tinha feito a disciplina. Os 20 alunos matriculados ficaram até o fim e todos eles participando com muita vontade. Um ou dois estavam com interesse um pouco assim. Mas, em geral, eu vi que eles estavam ali porque queriam. Então, na realidade, se tu ofereces, tem quem queira. Quem não quer, nem aparece, porque a disciplina é opcional. Mas, se tu vais olhar dentro do percentual, é muito pouco, são poucos os alunos que não passam por essa disciplina. São poucos mesmos. Mas tem gente que não passa. Eu sei, porque, quando eu vou para a formatura, às vezes, eu sou homenageado, e tem alunos que não conheço.

Nessa última, tinha três que eu não conhecia, mas, quantos outros que conhecia, pois passaram pela minha disciplina. Na realidade, o que ainda está faltando aqui, além de oferecer essa disciplina, é incluir mais professores dentro desses aspectos. É talvez, reunir os professores de outras disciplinas, começando pelas mais afins, como a Ginástica, a Ginástica Rítmica, e Dança e a Ginástica Olímpica. As Ginásticas. E, estes professores, incentivarem. A Dança incentiva, porque é a postura. Mas, por que não existe uma interação entre esses professores? Interação da minha aula com a aula da Mônica³⁴, por exemplo? Professores não interagem, às vezes, pelo próprio... Falta tempo para isso. Mas acho que poderia ser uma coisa a ser implantada. Deveria chamar atenção... Eles citarem a aula do professor Pelé, a aula da professora Mônica, a aula do professor Ronei³⁵. Eu cito a aula do professor Ronei nas minhas aulas, porque a musculação e a postura são importantes. E o Ronei sabe o que é. Ele trabalha com a postura, e ele também cita. Ele manda os alunos fazerem a minha disciplina. Então, isso já é uma coisa muito legal. Os professores exploram isso (postura) e têm que incluir. Os professores que têm essas aulas, que trabalham diretamente, devem dar mais incentivo, fazer os alunos se preocuparem com isso e se preocuparem com a Educação Física na escola e na própria academia. Na academia, se preocupam mais com isso, porque chamam a atenção quanto à postura. Mas, na escola, não mesmo. Na escola, é onde tu podes dar o passo, principalmente, quando os alunos estão em crise. “Os alunos não querem fazer nada, só querem jogar futebol”. Mas os professores, na realidade, por trás do pano, têm um pouco de culpa nisso. É, porque eles não incentivam a formar diferente. Não sabem conquistar o aluno com outro tipo de atividade. Por quê? Porque eles não têm domínio para isso. Então, eles têm que procurar o domínio. Posso te dizer isso, eu fiz, eu dei ginástica, eu dava futebol, claro, *mas* eu negociava com eles. Futebol era a minha forma de troca. Eles queriam jogar futebol, mas eu dizia assim: “Bom, nós vamos jogar futebol, mas para isso nós temos que desenvolver primeiro, nós temos que ir lá correr, nós temos que saltar”, - eu dava atletismo também - “nós temos que fazer ginástica”. E, com adolescentes, como é que eu trabalhava? Eu mexia no brio deles. “Vem cá, tu não queres ficar bonito? Não quer melhorar essa tua forma física? Viste que hoje em dia o pessoal está fazendo musculação? Pois é, podemos fazer aqui. Nós podemos fazer barra, apoio de frente”. “Ah, professor, vamos fazer”. “Fazer abdominal”. Eu incentivava isso. Antes da prática, tinha um preparo físico. Eu fazia *isso*.

³⁴ Mônica Fagundes Dantas – bailarina, professora e pesquisadora da ESEF/UFRGS, na área da dança.

Em dia de chuva lá, quando eu tinha um local, às vezes, até fazíamos, mas daí já não era para todo mundo, porque a sala não comportava. Mas eu *conquistava* os alunos para fazer isso. Com as alunas, não precisava. Elas todas queriam fazer. [risos] Os alunos, os rapazes, gostavam muito de futebol, mas eu dava. Olha só, na primeira unidade - tinha quatro unidades. Isso era um grupo de Educação Física da escola -, tinha que desenvolver a parte de atletismo. Então, nós íamos para o CETE³⁶ - não sei se tu conheces o CETE, ali no Menino Deus - tinha uma pista de atletismo. Nós fazíamos corrida, salto em altura, salto em distância e, para tudo isso, antes tinha aquecimento, ginástica. Depois, tinha a parte de voleibol da escola, mas não tinha uma aula de voleibol que não tivesse antes aquecimento. Eles corriam, faziam exercícios de alongamento, exercícios de abdominais e depois, *o dia do futebol* era o dia do aquecimento, corridinha e *futebol*. Aí eu dava mais tempo, porque era o *prêmio* deles. Mas o futebol não era uma unidade especial, era sempre um prêmio no meio, porque eles queriam jogar. Então, todo ano tinha o dia do futebol. Eu fazia um jogo com eles depois do voleibol e nós tínhamos basquete também, eu desenvolvia basquetebol. E a unidade lúdica do futebol que estava incluído... Eram três na realidade, três grandes unidades durante o ano. E o futebol, *sempre* tinha o seu dia, porque, senão, eu não conseguia conquistar aqueles alunos. Não tinha uma modalidade só de futebol, mas poderia, e as meninas queriam fazer ginástica estética, que na época era ginástica localizada. Elas queriam fazer local. Então, isso tinha. Mas, elas faziam local, e também faziam atletismo e voleibol. Futebol elas não faziam naquela época. Hoje elas querem jogar futebol de salão. É interessante. Mas por quê? Porque na escola onde eu trabalhei, todos os professores trabalhavam com essas unidades. “Nós vamos desenvolver essas unidades? Vamos!”. E todo mundo fazia isso, com todas as turmas. Eram todas as pessoas... Mas por quê? Porque tinha eu que incentivava, e outros colegas: a Elaine³⁷, o Vitor³⁸, que era professor no IPA, o Clóvis³⁹ que tinha uma característica bem... Ele foi militar e ele trabalhava com isso. O Sérgio⁴⁰ gostava muito da parte de esporte, lúdica, o outro gostava de atletismo. Então, nós formamos um grupo e nós dissemos: “Olha, todo

³⁵ Ronei Silveira Pinto - professor da disciplina de musculação na ESEF/UFRGS.

³⁶ Centro Estadual de Treinamento Esportivo, atualmente vinculado à Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul (FUNDERGS) e localizado na Rua Gonçalves Dias, 628, bairro Menino Deus, em Porto Alegre.

³⁷ Elaine Romero

³⁸ Vitor Winter

³⁹ Nome sujeito à confirmação

⁴⁰ Nome sujeito à confirmação

mundo vai trabalhar com isso”. O professor de futebol Júlio Airão⁴¹ dava ginástica também. Por quê? Porque nós estipulamos que tinha que ser feito isso. Ou seja, nós realmente fazíamos Educação Física naquela escola. E vejo a necessidade de hoje o pessoal fazer. Pelo que analisei, alguns conseguem com o Voleibol, todo mundo consegue trabalhar com voleibol aqui. Ele é muito aceito. Mas, por exemplo, a parte de atletismo é mais difícil. A criançada, e os mais jovens *querem* fazer isso, eles adoram saltar. Os adolescentes também adoram, desde que tu mostres para eles a importância. E hoje, com a televisão, e as Olimpíadas, os caras veem os atletas saltando e querem fazer salto em distância. Hoje temos toda a mídia a nosso favor. Antigamente, não tínhamos. Então, o que falta ao professor? Acho que é vontade de fazer isso. E a vontade vem muito na formação. Se na formação, tu não incentivares isso, ele não consegue fazer. Quantas vezes na aula eu digo para vocês: “Olha, vocês, na aula de Educação Física, têm que *incentivar* a ginástica, vocês tem que dar ginástica, porque, senão, eles não fazem”. Mas precisa mais. Além da minha disciplina, é preciso outras disciplinas trabalhando isso. Por isso digo que aqui na ESEF precisariam outros professores dessas disciplinas mais afins, se reunirem e discutirem isso que eu estou falando para vocês. Quem sabe essa entrevista saia nesse sentido. Acho que eles precisam. Eu me aposentando ou eu não me aposentando, estou por aí. Eu participo desses grupos, isso me interessa. Acho *muito* legal. Porque se aposentar não quer dizer que eu não vá fazer nada. Muito pelo contrário, vou ter mais tempo para fazer [risos].

D.O. - Então, acho que é isso, tem mais alguma coisa que tu gostarias de falar, de comentar?

J.S. - Acho que esse jogo final de unir mais as pessoas... Porque olha só, a Educação Física é fundamental, é fenomenal. O poder do professor de Educação Física com o aluno é extremamente grande. E esse poder precisa ser usado. E chamo a atenção dos professores para se unirem mais, aqui dentro da própria Escola, porque nós, com essa história de pesquisa e grupos de pesquisa, trabalhamos com nossos grupos e não nos unimos. Alguns já estão buscando, está havendo união de grupos de pesquisa. Estou achando ótimo isto. Eu, por exemplo, já estou trabalhando como o grupo do Jeff, o Jefferson⁴². É importante esses professores se unirem mais, porque a pesquisa é feita em benefício das pessoas. E,

⁴¹ Nome sujeito à confirmação

como nós trabalhamos com as pessoas, precisamos nos reunir mais e dizer como vamos usar isso tudo que estamos fazendo em pesquisa, *com as pessoas*. Eu aplico os resultados das minhas pesquisas direto na Escola Postural. Mas, estou vendo a aplicação na escola muito *pequena*. Nós precisamos juntar os professores, senão todos, porque, às vezes, é impossível, pelo menos os grupos mais afins, para trabalhar isso, para fazer uma aplicação direta na escola. E como incentivar os alunos daqui, a levar isso para a escola? Que seja discutido isso nas disciplinas. Tem que levar isso para escola, senão não vai acontecer. Porque nós não trabalhamos na escola, temos dedicação exclusiva⁴³, mas nós temos que incentivar os que vão para lá. Então, é união. Como eu posso fazer e incentivar esse aluno a ir para a escola? É no estágio o momento? E como é que está sendo feito? Talvez o estágio seja um momento muito propício, mas eu acho que tenho que incentivar o aluno. E como eu o incentivo? Porque os alunos, na hora do estágio, se demandam com uma grande problemática, aquele aluno (da escola) que não quer fazer *nada* lá. O aluno que não obedece, que não tem mais obediência. Mudou, houve uma mudança em relação ao tempo que eu trabalhava, mas houve devido a essa mudança. Nós temos que talvez mudar também. Nós temos que chegar neles, e eu acho que essa discussão tem que ser levantada. Se eles me convidarem, os professores que trabalham no estágio, a discutir isso com eles, eu estou presente, porque tenho experiência nisso. Nunca dei estágio aqui, mas eu tenho muita experiência, porque é aquela história. O nosso tempo aqui é um horror. Os prazos e os artigos que têm que ser publicados, muitas vezes, fazem com que o professor esqueça realmente a função dele de professor de Educação Física. Ele virou pesquisador e ele diz: “Mas espera aí um pouquinho. Como é que está a aula de Educação Física?”. Temos que botar o dedo na moleira, todos nós, e os mais antigos. Temos que botar o dedo na moleira em relação a isso. Qual a contribuição que tu dás exatamente para o professor que vai lá? Como é que eu vou transformar esse dado de pesquisa lá? Essa é uma das coisas que, quanto mais velho ficamos, mais vamos enxergando. Qual a minha função em relação a isso? O que eu estou fazendo exatamente em relação a isso? Eu acho que é isso. Eu tenho certeza que os professores que ouvirem isso vão pensar no assunto. Muitos já pensam. O problema é como usar isso agora. Muito bem.

⁴² Prof. Dr. Jefferson Fagundes Loss, grupo de investigação da mecânica do movimento (BIOMECH) da EsEF – UFRGS.

⁴³ Dedicção Exclusiva (DE), regime de trabalho no qual os professores devem atuar, exclusivamente, na UFRGS.

D.O. - Muito obrigada!

[FINAL DO DEPOIMENTO]